

O PAPEL DA FILOSOFIA NO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Luiz Carlos dos Santos *

Na elaboração do currículo do Curso de Bacharelado do Centro de Educação Técnica da Bahia - CETEBA, atual Departamento de Ciências Humanas - Campus I, da Universidade do Estado da Bahia, em outubro de 1984, foram inseridas várias disciplinas de cunho humanístico.

Na ocasião, e também nos dias de hoje, muitos questionamentos foram levantados sobre o porquê de tal iniciativa. Nesse artigo, que inicia uma série de reflexões sobre a inserção de várias matérias de formação geral, sintetizam-se as razões que levaram o idealizador do currículo à adoção da Filosofia no curso de Contabilidade.

O processo gradativo da perda do domínio da Filosofia como saber absoluto não se deu apenas nas escolas de 2º grau e nas universidades brasileiras, mas nos centros de ensino superior do mundo inteiro, em função de seu lugar, aos poucos, ter sido ocupado pelas ciências empíricas, ou seja, pelas epistemologias: lógica, genética, histórico-crítica, principalmente essa última, que procura elucidar a produção das teorias e dos conceitos científicos a partir de uma análise da própria história das ciências, resultando em reflexão que os cientistas fazem sobre a ciência em si mesma. A epistemologia crítica, por conseguinte, além de ter verdadeira significação de ciência como forma de saber, é também uma ideologia, que caracteriza a ciência como cientificismo.

Aceitando-se essa dimensão, que lugar (topologia) e papel (função) terá a Filosofia no currículo do curso de Ciências Contábeis da UNEB - Campus I? Para que vai servir? Qual a sua utilidade? Como poderá ser aplicada? Quando? Onde? Que conteúdo programático poderá ou deverá ser desenvolvido em sala de aula? Que tipo de abordagem? Que método a ser utilizado? Por quem? Que relação deverá ser feita com as teorias, leis e correntes contábeis? Como demonstrar a influência das correntes filosóficas sobre as chamadas "Escolas da Contabilidade"? O que tem a dizer a Filosofia sobre a Epistemologia Contábil, como ciência humana? Nada a declarar? Que ciências humanas e sociais monopolizaram a crítica do

* Publicado no Jornal *MULTICAMPI*. Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador, N. 3, Caderno Estudos II, p. 06, nov. 2000.

conhecimento? Que respostas, ainda, poderá a Filosofia dar aos dramas existenciais do homem quanto ao patrimônio aziendal? Que alternativas poderá oferecer a um contador, por exemplo, quando da conversão dos fatos patrimoniais? Com esses questionamentos deseja-se direcionar o leitor a uma análise dicotômica da relação Filosofia/Contabilidade, referente à topologia e ao papel daquela sobre esta.

Segundo Saussure (apud JAPIASSU, 1981, p. 61), "o ponto de vista cria o objeto do conhecimento, estabelecendo-se, desta forma, uma relação entre o sujeito cognoscente e o objeto epistemológico do universo cognoscível".

Já Hegel diz (apud MARCUSE, 1984, p. 297) "toda forma imediatamente dada se transforma no seu oposto e, só assim, atinge seu verdadeiro conteúdo".

Para reforçar a linha de raciocínio, transcreve-se GRAMSCI (1981, p. 163): "Não é um cientista que demonstra escassa segurança em seus critérios particulares; que não tenha uma plena inteligência dos conceitos utilizados; que tenha escassa informação e conhecimento do estágio precedente dos problemas tratados, quem não seja muito cauteloso em suas afirmações, quem não progrida de uma maneira necessária mas, sim, arbitrária e sem concatenação; quem não saiba levar em conta as lacunas que existem nos conhecimentos já atingidos, mas ignore e se contente com soluções ou nexos puramente verbais, ao invés de declarar que se trata de posições provisórias, que poderão ser retomadas e desenvolvidas".

Quando Comte estabeleceu a carta de fundação do positivismo, parece ter profetizado o destino da Filosofia, com o seguinte desafio: "ou ela se torna positiva, no sentido de refletir, a partir dos conteúdos fornecidos pelas ciências humanas, ou não terá mais razão de ser (apud JAPIASSU, op. cit., p. 164).

Não obstante a decadência dos cursos de Filosofia nas instituições de ensino superior e a vaticinação de sua morte, acredita-se que ela ainda tem espaço reservado entre as formas de saber, como saber especulativo, pelo qual as ciências empíricas ou factuais não se interessam. Cabe à Filosofia, como ciência formal ou ideal, como a classificam alguns, a que se posta o autor deste artigo, continuar sua ação e missão renovadas. Ela reflete sobre o ser (sua natureza, sua inteligibilidade como objeto do conhecimento), o homem como animal racional e sujeito cognoscente, seu agir, sua percepção de mundo etc. Em outros termos, usa uma metafísica (física dialética), capaz de materializar entidades ou objetos ideais em realidade naturais, por meio de construções lógicas, visto que a lógica, como a

linguagem, é um instrumento que simboliza e capta, na expressão livre, as diversidades existentes entre as coisas.

Então, na Contabilidade, onde posicionar a Filosofia (onde sua topologia, para ser coerente com o tema)? Que papel deverá ela desempenhar na vida das organizações que utilizam a Contabilidade como um conhecimento, como instrumento gerencial, como memória (registro) do patrimônio, na sua existência?

Do ponto de vista do autor deste artigo, a Filosofia tem um papel fundamental e significativo a exercer no currículo do Curso de Ciências Contábeis, não como super-saber, mas embasamento científico em que se alicerçam os fundamentos teóricos e práticos da Contabilidade. E só com o progresso da ciência, pode-se voltar ao que era antes, ou ir além dela.

E tendo a lógica como instrumento metodológico, pode-se levar os alunos à reflexão sobre a verdadeira gênese dos princípios fundamentais da Contabilidade; identifica-se no discurso de sala de aula, a influência das correntes filosóficas embutidas nas abordagens das escolas e correntes das Ciências Contábeis, como a abordagem personalista, contista, universalista, controlista, aziendalista, patrimonialista etc; analisam-se os conceitos atuais de Contabilidade Gerencial, Contabilidade Ambiental, termos que estão na linguagem corrente dos Contadores/Contabilistas, empresários, usuários, completamente dissociados ou divorciados da natureza dos objetos a que se relacionam.

A tarefa fundamental de toda filosofia, segundo JAPIASSU, (op. cit., p. 166), "é dirigir uma interrogação ao mundo". No entendimento do autor, quando se pensa em mundo a ser interrogado, é necessário estabelecer seus contornos no âmbito da produção histórica do homem: da ciência, da técnica, da política, da economia, do trabalho, da linguagem, da educação, do cotidiano. O mundo não é um limite, é um horizonte. O que interrogar, é objeto de escolha do interrogante. Resulta do cruzamento de sua vontade com o universo de seu envolvimento prático e de seu compromisso político, cultural e ideológico. A interrogação deve dirigir-se aos agentes do fazer, defrontar-se com os sofistas. Quiseram eles confinar sua reflexão (seu questionamento) num beco sem saída: seguir as tradições sem nada compreender, mas rompendo a camisa de força que lhes queriam impor. Sócrates, utilizando sua maiêutica, associada à ironia de sua dialética, respondia: "tudo isso deve ser repensado, refletido, criticado, medido, segundo uma norma da verdade e do bem. Uma vida que não foi examinada, não merece ser vivida".

Nessa perspectiva, introduziu-se a Filosofia no currículo de Ciências Contábeis. Para que possa surtir efeitos, é necessário uma profunda análise por parte dos professores da disciplina e do Colegiado do curso, e que o profissional, para esse mister, (ministrar aulas de Filosofia) tenha os dois domínios epistemológicos: o da Filosofia e o da Contabilidade, pois se as idéias movem coisas, são seus elaboradores que, nada sabendo fazer a não ser pensar, fornecem os mais poderosos instrumentos para que o mundo seja feito, refletido ou transformado. Ainda parafraseando JAPIASSU "Não haverá soluções, senão quando houver problemas: é saber formulá-los. Para formulá-los, é necessário pensamento. E é o pensamento que forja as opiniões e elabora os valores ou toma as decisões".

Em suma, a Filosofia, no Curso de Ciências Contábeis, posta nessa posição, expressará, acredita-se, em termos humanos, uma relação dinâmica de causa e efeito, ou gênese e resultado, com a realidade empírica. Caso contrário, ela servirá para deturpar e confundir os pressupostos da epistemologia crítica que preside os fundamentos das Ciências Contábeis.

Colocada nestes termos, como se verifica na UNEB, a Filosofia, no Curso de Ciências Contábeis, estará devidamente topologizada e desempenhará, por conseguinte, seu papel significativo.

Embora o mundo já tenha sido profundamente pensado, é necessário, agora, que continue repensado, a partir de idéias novas, conceitos, projetos e propostas concretas, saindo-se das representações intelectuais para a construção e vinculação com a realidade empírica.

Eis aí, portanto, um tema para reflexão no Departamento de Ciências Humanas - Campus I e no Colegiado do Curso de Ciências Contábeis, unidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, ao qual pertence o autor deste pequeno artigo. Acrescente-se que o mesmo não é filósofo, mas teórico da Contabilidade e, por isso, só pode servir à mesa o que é sabido de toda gente.

Referências

BARBOSA, Ana Mae (org.). **O Ensino das Artes nas Universidades**. São Paulo: Edusp, 1993.

CARVALHO, Carlos de. **Estudos de Contabilidade**. Rio de Janeiro: Edições da Empresa Editora Brasileira, 1921.

EDMAN, Irwin. **A Filosofia de Santayana**. São Paulo: Cultrix, 1967.

FRANCA, Leonel. **Noções de História da Filosofia**. 22. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

MARCUSE, Hebert. **Razão e revolução**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1978.

SÁ, Antônio Lopes. **Curso de Filosofia e história da Contabilidade**. Salvador: EAF-BA, 1986.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **Proposta Curricular do Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis do Centro de Educação Técnica da Bahia da Universidade do Estado da Bahia**. Salvador, 1984.